

TINHA UMA PEDRA NO MEIO DO CAMINHO: A REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA E SEUS MEANDROS

[THERE WAS A STONE IN THE MIDDLE OF THE ROAD: THE PHENOMENOLOGICAL REDUCTION AND ITS MEANDERINGS]

*José Francisco de Assis Dias **
*Junior Cunha ***

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

RESUMO: O tema deste estudo é a análise fenomenológica da experiência humana presente no poema *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade, a partir da experiência consciente. Objetiva-se investigar e esclarecer os conceitos fundamentais da redução fenomenológica, visando entender a estrutura da consciência e como ela se relaciona com o mundo. Analisa-se como os conceitos lógicos e matemáticos são apreendidos e compreendidos pela consciência. Investiga-se as condições de possibilidade do conhecimento objetivo e o significado desse conhecimento. Explora-se a intencionalidade da consciência e como ela constrói significados. Examina-se a relação entre a atitude natural e a atitude fenomenológica na percepção dos objetos. A fenomenologia, ao focar na experiência consciente e na intencionalidade, oferece uma abordagem rigorosa para compreender essas bases epistemológicas, complementando e completando as ciências naturais. A metodologia adotada é a redução fenomenológica, que envolve a suspensão dos julgamentos sobre a existência do mundo externo para focar nas experiências e estruturas essenciais da consciência. Isso inclui a análise das intuições concretas que fundamentam os

ABSTRACT: The theme of this study is the phenomenological analysis of the human experience present in the poem *In the middle of the way*, by Carlos Drummond de Andrade, based on conscious experience. The aim is to investigate and clarify the fundamental concepts of phenomenological reduction, aiming to understand the structure of consciousness and how it relates to the world. It analyzes how logical and mathematical concepts are grasped and understood by consciousness. The conditions of possibility of objective knowledge and the meaning of this knowledge are investigated. The intentionality of consciousness and how it constructs meanings is explored. The relationship between the natural attitude and the phenomenological attitude in the perception of objects is examined. Phenomenology, by focusing on conscious experience and intentionality, offers a rigorous approach to understanding these epistemological foundations, complementing and completing the natural sciences. The methodology adopted is phenomenological reduction, which involves suspending judgments about the existence of the external world to focus on the essential experiences and structures of consciousness. This includes analyzing the concrete intuitions that underlie

* *Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Urbaniana, Cidade do Vaticano, Roma, Itália (2008). Professor Adjunto "D" da UNIOESTE, no Campus de Toledo-PR, onde foi Coordenador do curso de Licenciatura em Filosofia (de 15-12-2017 a 14-12-2021); Líder do grupo de pesquisa CRISIS da UNIOESTE, CCHS - Campus de Toledo-PR; Estágio pós-doutoral em Ciências Sociais na UNESP, 2022 (Campus de Marília-SP), projeto n° 3761. E-mail: prof.dias.br@gmail.com. ** Doutorando em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - PPGFil UNIOESTE (Bolsista CAPES). Mestre e Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: juniorlcunha@hotmail.com*

conceitos abstratos e a exploração das estruturas subjetivas e intencionais da consciência. Os resultados alcançados incluem a compreensão de que a fenomenologia pode fornecer uma base sólida para a lógica e a matemática ao revelar as bases intuitivas desses conceitos. Destacou-se a importância da distinção entre idealidade e realidade, protegendo a objetividade das verdades lógicas contra as variações individuais da psicologia. Em suma, a fenomenologia oferece uma metodologia rigorosa para entender as bases epistemológicas das ciências, proporcionando uma análise profunda e integrada da experiência humana.

PALAVRAS-CHAVE: Redução fenomenológica; Experiência consciente; Idealidade e realidade; Experiência humana

abstract concepts and exploring the subjective and intentional structures of consciousness. The results achieved include the understanding that phenomenology can provide a solid foundation for logic and mathematics by revealing the intuitive bases of these concepts. The importance of the distinction between ideality and reality was highlighted, protecting the objectivity of logical truths against individual variations in psychology. In short, phenomenology offers a rigorous methodology for understanding the epistemological bases of the sciences, providing a deep and integrated analysis of the human experience.

KEYWORDS: Phenomenological reduction; Conscious experience; Ideality and reality; Human experience

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema a análise fenomenológica da experiência humana, exemplificada no poema *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade, a partir da experiência consciente. A fenomenologia, abordagem filosófica desenvolvida por Edmund Husserl, busca compreender como os fenômenos se apresentam à nossa consciência, focando na estrutura da experiência e nas condições que tornam possível o conhecimento objetivo.

O objetivo geral deste estudo é investigar e esclarecer os conceitos fundamentais da redução fenomenológica, visando entender a estrutura da consciência e como ela se relaciona com o mundo. Para atingir este objetivo, o estudo se desdobra nos seguintes objetivos específicos: analisar como os conceitos lógicos e matemáticos são apreendidos e compreendidos pela consciência; investigar as condições de possibilidade do conhecimento objetivo e o significado desse conhecimento; explorar a intencionalidade da consciência e como ela constrói significados; examinar a relação entre a atitude natural e a atitude fenomenológica na percepção dos objetos.

A fenomenologia, ao focar na experiência consciente e na intencionalidade, oferece uma abordagem rigorosa para compreender as bases epistemológicas que sustentam os conceitos abstratos da lógica e da matemática. Ao revelar as bases intuitivas desses conceitos, a fenomenologia complementa e completa as ciências naturais, fornecendo uma compreensão mais abrangente e integrada da experiência humana e do conhecimento científico.

A metodologia adotada neste estudo é a redução fenomenológica. Esse método envolve a suspensão dos julgamentos sobre a existência do mundo externo, permitindo que o investigador se concentre exclusivamente nas experiências e nas estruturas essenciais que constituem a consciência. A redução fenomenológica inclui a análise das intuições concretas que fundamentam os conceitos abstratos, bem como a exploração das estruturas subjetivas e intencionais da consciência.

No poema *No meio do caminho*, Drummond não fornece descrições detalhadas sobre o eu lírico ou a pedra. No entanto, ao adotar uma abordagem fenomenológica, podemos focar na experiência consciente do eu lírico e na intencionalidade presente em sua percepção da pedra. A relação entre o eu lírico e a pedra exemplifica a estrutura da intencionalidade, onde a consciência está sempre direcionada a algo, conferindo

significado ao objeto percebido.

Este estudo analisa como os conceitos lógicos e matemáticos, embora abstratos, são fundamentados em intuições concretas que emergem da experiência consciente. Investigamos as condições que permitem o conhecimento objetivo e como esse conhecimento é validado pela consciência. Exploramos também como a atitude fenomenológica, distinta da atitude natural, permite uma compreensão mais profunda dos objetos ao focar nas maneiras pelas quais eles se apresentam à consciência.

Os resultados alcançados neste estudo incluem uma compreensão mais clara de como a fenomenologia pode fornecer uma base sólida para os conceitos da lógica e da matemática. Ao revelar as bases intuitivas desses conceitos, a fenomenologia destaca a importância da distinção entre idealidade e realidade, protegendo a objetividade das verdades lógicas contra as variações individuais da psicologia.

Concluimos que a fenomenologia oferece uma metodologia rigorosa para entender as bases epistemológicas das ciências, proporcionando uma análise profunda e integrada da experiência humana. Este enfoque não apenas complementa as ciências naturais, mas também as completa, permitindo uma compreensão mais abrangente e fundamentada da realidade e do conhecimento humano.

Em suma, o estudo demonstra que a fenomenologia, ao explorar a experiência consciente e a intencionalidade, oferece perspectivas valiosas sobre as bases do conhecimento objetivo. A redução fenomenológica permite uma análise detalhada das estruturas da consciência, revelando as condições que tornam possível a apreensão e a validação dos conceitos abstratos. Assim, a fenomenologia se afirma como uma abordagem essencial para a investigação filosófica, complementando e enriquecendo o entendimento proporcionado pelas ciências naturais.

2 O EU NO MEIO DO CAMINHO

No poema *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade, não nos é dito nada sobre o eu lírico, com exceção de que, ante suas “retinas tão fatigadas”, tinha uma pedra no meio de seu caminho:

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Ainda menos nos é dito sobre a pedra no meio de seu caminho. Ora, o que se pode concluir de alguém com “retinas tão fatigadas”? Ou o que pode se concluir de alguém com uma pedra em seu caminho? Se partirmos para o psicologismo, as conclusões podem ser múltiplas e infundáveis. No entanto, se optarmos por um caminho concreto e atento aos fatos, concluimos que, em primeiro lugar, há um sujeito, e em segundo lugar, há um objeto. A relação entre o eu lírico e suas “retinas tão fatigadas” com a pedra no meio de seu caminho não é “pura” ou “direta”; pelo contrário, ela revela a intencionalidade do sujeito. Em outras palavras, “o objeto se configura a partir do olhar de um sujeito — olhar este que vai além de um determinado aspecto em particular — mas que, ao mesmo tempo, busca ‘captar a essência’, uma essência que, justamente,

o constitui” (Almeida; Letenski, 2017, p. 32).

A descrição do objeto não nos é dada explicitamente, e nem é necessário que seja, pois o eu lírico se dedica a revelar sua essência. Portanto, o foco não está no conteúdo descritivo do objeto, mas na experiência do sujeito com a pedra em seu caminho. Essa experiência é carregada de significado, refletindo a subjetividade do observador e sua percepção do mundo ao seu redor. Contudo, surge uma questão crucial: qual é o limite entre o conteúdo da experiência e o conteúdo descritivo? Em outras palavras, o que separa a abertura para o experienciar do ato de se ocupar em descrever? Se há uma distinção — e parece evidente que há — como é possível a ciência, uma vez que ela se ancora indistintamente sobre ambos?

A ciência, por sua natureza, busca compreender e descrever o mundo de maneira objetiva, através de observações e experimentos rigorosos. No entanto, ao tentar capturar a essência das experiências subjetivas, ela se depara com o desafio de conciliar a objetividade com a subjetividade inerente a essas vivências. Esse dilema ressalta a complexidade da investigação científica quando esta se propõe a abordar a totalidade da experiência humana.

Ao explorar essa tensão entre o descritivo e o experiencial, podemos apreciar a profundidade da relação entre sujeito e objeto. A pedra no caminho do eu lírico não é meramente um obstáculo físico; ela representa um ponto de reflexão, um catalisador para introspecção e autoconhecimento. Assim, a interação entre sujeito e objeto transcende a mera descrição e se transforma em uma experiência enriquecedora, repleta de significados e interpretações pessoais. Portanto, ao considerar a ciência e sua abordagem para compreender a realidade, devemos reconhecer as limitações e as possibilidades oferecidas pela subjetividade. O equilíbrio entre a objetividade científica e a subjetividade experiencial é essencial para uma compreensão mais completa e profunda do mundo e de nós mesmos.

De acordo com Husserl (2014, p. 7):

Mesmo o matemático, o físico ou o astrônomo, ainda que para a realização dos feitos científicos mais significativos, não necessitam da intelecção dos fundamentos últimos da sua ação e, embora os resultados alcançados possuam para ele e para outros a força da convicção racional, ele não pode, ainda assim, reivindicar ter demonstrado todas as premissas últimas das suas conclusões, ou ter pesquisado os princípios sobre os quais assenta a correção dos seus métodos.

Para a fenomenologia, a estrutura da intencionalidade — e, por extensão, da própria experiência — não é arbitrária nem idiossincrática. Existe uma estrutura essencial que não se relaciona com os fundamentos causais da experiência. O interesse da fenomenologia é delinear as estruturas essenciais da experiência, e essas estruturas devem ser delineadas de tal modo que se manifestem na própria experiência. Husserl (2014, p. 47) argumenta que “sobre fundamentos teóricos vagos só podemos fundar regras vagas”.

Na contramão do positivismo, Husserl defende que uma lei não pode ser inferida apenas a partir da observação de casos particulares e da constatação de sua regularidade. Não há sequer uma evidência absoluta que possa ser extraída dos fatos. Os objetos — e o mundo em geral — não são apodíticos, ou seja, não possuem uma veracidade incontestável.

O primeiro passo na prática da fenomenologia, seguindo o conselho de David R. Cerbone (2013, p. 13), é “focar nossa atenção não tanto no que experienciamos lá fora no mundo, mas na nossa experiência do mundo”, pois “prestar atenção à experiência em vez de àquilo que é experienciado é prestar atenção aos fenômenos”. Em outras palavras, o mundo, para a fenomenologia, é similar ao caminho — e à pedra em seu meio — para o eu lírico do poema *No meio do caminho*: uma experiência que se apresenta ao sujeito como um acontecimento que o marca profundamente.

Essa experiência do eu lírico não se restringe à mera observação da pedra no meio de seu caminho; o próprio caminho, juntamente com o estado das suas “retinas tão fatigadas”, compõe o acontecimento que o marca. Essa visão fenomenológica coloca em foco a vivência do sujeito, destacando como ele percebe e interpreta o mundo ao seu redor, em vez de se concentrar apenas nas características objetivas do mundo.

A fenomenologia, portanto, busca compreender a essência das experiências humanas, indo além das meras descrições objetivas. Ao direcionar a atenção para a experiência em si, a fenomenologia revela a profundidade e a complexidade das interações entre o sujeito e o mundo. Essa abordagem permite uma exploração mais rica e detalhada dos fenômenos, proporcionando uma compreensão mais completa da experiência humana.

Assim, a fenomenologia nos convida a considerar não apenas os objetos e eventos em si, mas também a maneira como eles são vivenciados e interpretados pelo sujeito. Essa perspectiva abre caminho para uma análise mais profunda e significativa da realidade, destacando a importância da subjetividade na formação do conhecimento e da compreensão do mundo:

“O mundo” não é um conceito astronômico; é um conceito relacionado com nossa experiência imediata. O mundo é a configuração última para nós mesmos e para todas as coisas que experienciamos. O mundo é o concreto e o todo atual de nossa experiência. [...] o eu é uma coisa no mundo, mas é uma coisa como nenhuma outra: é uma coisa no mundo que também cognitivamente tem o mundo, a coisa para a qual o mundo como um todo, com todas as coisas nele, manifesta a si mesmo (Sokolowski, 2012, p. 53).

Ademais, se consentirmos “que é ao menos concebível que nossa experiência nunca, em absoluto, atinja coisa alguma para além dela mesma” (Cerbone, 2013, p. 41), a concretude do mundo não se revelaria apenas à medida que o experienciamos? Ainda que pareça contraditório, a resposta é não. Essa perspectiva sugere que a realidade objetiva só se torna tangível e concreta através da nossa experiência direta e pessoal. A fenomenologia, portanto, busca compreender a essência das experiências humanas, indo além das meras descrições objetivas. Ao direcionar a atenção para a experiência em si, a fenomenologia revela a profundidade e a complexidade das interações entre o sujeito e o mundo:

Desde que vivemos na condição paradoxal de ter o mundo e ainda ser parte dele, sabemos que quando falecermos o mundo ainda continuará, desde que somos apenas parte do mundo, mas em outro sentido o mundo que é aí para nós, por todas as coisas que sabemos, se extinguirá quando não fizermos mais parte dele. Tal extinção é parte da perda que sofreremos quando falece um amigo próximo; não é só que ele não está mais aí, mas o modo que o mundo era para ele também foi perdido para nós. O mundo perdeu um modo de ser dado, um modo que foi construído ao longo de toda uma vida (Sokolowski, 2012, p. 55).

O mundo em geral, isto é, como acontecimento, é um modo de ser dado, um modo construído pelo sujeito e, por isso, pode ser experienciado. Mas o mundo como verdade, como leis lógicas¹, é “eterno” e supratemporal:

A verdade, contudo, é “eterna”, ou melhor: é uma ideia e, como tal, supratemporal. Não tem qualquer sentido indicar o seu lugar no tempo, ou uma duração, ainda que se estenda através de todos os tempos. É certo que se diz também da verdade que ela nos “vem à consciência” ocasionalmente, e assim é “apreendida”, “vivenciada” por nós. Mas fala-se aqui, em relação a este ser ideal, de apreender, vivenciar e tornar-se consciente num sentido inteiramente diverso do que em relação ao ser empírico, i.e., individualmente isolado (Husserl, 2014, p. 95).

Os psicologistas ignoram a distinção “eterna” entre idealidade e realidade, ou

entre verdades de razão e questões de fato. Com isso, eles confundem o conteúdo do juízo lógico com o próprio juízo, o que leva ao relativismo da verdade. Para Husserl, essa confusão é problemática porque dilui a objetividade das verdades lógicas ao sujeitá-las às variações psicológicas individuais.

Em oposição ao psicologismo, Husserl propõe a redução fenomenológica, que é uma postura transcendental focada nas condições de possibilidade da experiência, ou seja, na intencionalidade. A redução fenomenológica consiste em “suspender” ou “colocar entre parênteses” todas as crenças sobre a existência do mundo externo para analisar puramente a estrutura da consciência.

Husserl descreve essa postura transcendental como essencial para a fenomenologia porque “ela torna disponível a possibilidade de perguntar e responder questões do tipo ‘como é possível’ com respeito à intencionalidade da experiência” (Cerbone, 2013, p. 41). Essa abordagem permite investigar como os objetos são apresentados e percebidos pela consciência, revelando as estruturas essenciais que fundamentam a experiência.

A redução fenomenológica, portanto, é um método rigoroso que busca explorar as condições transcendentais que possibilitam a experiência. Ao adotar essa postura, Husserl pretende ir além das meras descrições psicológicas para alcançar uma compreensão mais profunda e universal das essências das experiências.

Dessa maneira, a fenomenologia husserliana rejeita o relativismo introduzido pelo psicologismo e reafirma a importância da idealidade das verdades lógicas, independentes das variações individuais da psicologia. Através da redução fenomenológica, Husserl estabelece uma base sólida para a investigação filosófica, onde a objetividade das verdades pode ser garantida. Além disso, essa postura transcendental permite uma análise detalhada e sistemática da intencionalidade, que é a característica fundamental da consciência de sempre estar direcionada a algo. Assim, a fenomenologia oferece um meio de entender como a consciência constrói significados e como os fenômenos são experienciados, destacando a relação intrínseca entre sujeito e objeto.

Em resumo, a fenomenologia de Husserl, ao contrário do psicologismo, busca uma compreensão universal e objetiva da experiência, investigando as condições de possibilidade da consciência e preservando a distinção crucial entre idealidade e realidade. Essa abordagem não só protege a objetividade das verdades lógicas, mas também enriquece nossa compreensão da estrutura da experiência humana. Uma postura transcendental “porque ela torna disponível a possibilidade de perguntar e responder questões do tipo ‘como é possível’ com respeito à intencionalidade da experiência”. E redução fenomenológica “porque a execução [...] dirige a atenção do investigador para os fenômenos conscientes, tornando possível, por meio disso, o discernimento e a descrição de sua estrutura essencial” (Cerbone, 2013, p. 41):

Quando executo a redução, não atendo mais aos objetos mundanos de minha experiência, nem me pergunto sobre os fundamentos causais dessa experiência; em vez disso, foco minha atenção na experiência desses objetos mundanos. Presto atenção à apresentação do mundo ao meu redor (e de mim mesmo), em vez do que é apresentado (Cerbone, 2013, p. 42).

Quando o ponto de vista da redução fenomenológica é atingido, o investigador pode responder às questões que Husserl considera ideais para a fenomenologia. Esse processo de redução permite ao pesquisador suspender julgamentos e preconceitos sobre a existência do mundo externo, focando exclusivamente nas experiências e nas estruturas essenciais que constituem a consciência. Husserl argumenta que essa suspensão é crucial para entender como os objetos são percebidos e como eles aparecem na consciência.

As questões centrais que emergem dessa perspectiva fenomenológica dizem respeito às estruturas essenciais da experiência. Por exemplo: (a) “Que estrutura deve ter a experiência a fim de ser experiência?” Pergunta que busca identificar os componentes fundamentais que tornam qualquer experiência possível, independentemente de seu conteúdo específico; (b) “Como é possível para a experiência consciente ‘alcançar’ ou ‘contatar’ um objeto?” Questão que explora o mecanismo pelo qual a consciência se relaciona com os objetos do mundo, examinando o papel da percepção, da memória e da imaginação nesse processo; (c) “Como, em outras palavras, é possível a intencionalidade?” A intencionalidade refere-se à capacidade da consciência de *se direcionar a*, ou *ser sobre algo* — seja um objeto físico, um evento, ou um estado mental (cf. Cerbone, 2013, p. 42). Essa característica da consciência é o que permite que as experiências tenham significado e relevância, pois elas estão sempre direcionadas a algo além de si mesmas.

Ao abordar essas questões, a fenomenologia não apenas busca descrever as estruturas da experiência, mas também entender como essas estruturas permitem a formação de significados e a construção do mundo vivido. Assim, a redução fenomenológica e a investigação das estruturas essenciais da experiência formam o núcleo do projeto fenomenológico de Husserl.

3 A PEDRA NO MEIO DO CAMINHO

A fenomenologia se ocupa dos modos pelos quais as coisas se mostram ou se apresentam a nós, examinando a forma e a estrutura dessa manifestação. Em outras palavras, ela busca entender como os objetos e eventos são percebidos pela consciência e quais são as condições subjacentes que tornam essa percepção possível. Segundo Marcus Sacrini (2009, p. 582), a tarefa da fenomenologia “é investigar as estruturas subjetivas que condicionam o estabelecimento do conhecimento objetivo. A fenomenologia realiza um trabalho de elucidação das fontes subjetivas que atribuem legitimidade ao conhecimento objetivo”.

Essa abordagem fenomenológica envolve uma análise minuciosa das experiências subjetivas para identificar as estruturas essenciais que sustentam o conhecimento objetivo. Em suas *Investigações lógicas: prolegômenos à lógica pura*, Husserl apresenta os temas da lógica como um conjunto de idealidades autônomas. Essas idealidades, ou formas puras de conceitos lógicos, são analisadas em sua relação com a subjetividade, sendo consideradas em seus aspectos puros e independentes das circunstâncias empíricas. A fenomenologia, portanto, investiga como essas idealidades lógicas se manifestam à consciência e como são compreendidas subjetivamente.

Sacrini (2009, p. 582) argumenta que “para compreender o sentido e a possibilidade do conhecimento objetivo é necessário um retorno à ‘origem fenomenológica’”, ou seja, “é necessário mostrar como ao menos as categorias básicas sobre os quais o conhecimento objetivo é construído podem se doar com evidência à subjetividade”. Este retorno à origem fenomenológica implica em uma análise das experiências subjetivas para revelar como as categorias fundamentais do conhecimento são intuídas e validadas pela consciência.

A fenomenologia, assim, não apenas descreve como as coisas aparecem à consciência, mas também procura explicar como essa aparência é possível através das estruturas subjetivas. Ao elucidar essas estruturas, a fenomenologia fornece uma base para entender a legitimidade do conhecimento objetivo, mostrando como este é enraizado em experiências subjetivas evidentes. Dessa forma, a fenomenologia oferece uma abordagem rigorosa para investigar as condições de possibilidade do conhecimento, enfatizando a inter-relação entre subjetividade e objetividade.

Em outros termos, precisamos nos afastar de nossa *atitude natural* e adotar uma *atitude fenomenológica*:

A *atitude natural* é o foco que temos quando estamos imersos em nossa postura original, orientada para o mundo, quando intencionamos coisas, situações, fatos e quaisquer outros tipos de objetos. A *atitude natural* é, podemos dizer, a perspectiva padrão, aquela da qual partimos, aquela em que estamos originalmente. Não viemos para ela de nenhuma coisa mais básica. A *atitude fenomenológica*, por outro lado, é o foco que temos quando refletimos sobre a *atitude natural* e todas as intencionalidades que ocorrem dentro dela. É dentro da *atitude fenomenológica* que levamos a cabo as análises filosóficas. A *atitude fenomenológica* é também algumas vezes chamada de *atitude transcendental* (Sokolowski, 2012, p. 51).

Na *atitude natural*, o conhecimento — por exemplo, da pedra no meio do caminho do eu lírico de *No Meio do Caminho* — é produzido sem a preocupação de entender os princípios que o tornam possível. Nesse estado, as pessoas aceitam o mundo como ele se apresenta a elas, sem questionar as bases de suas percepções e interpretações. Entre esses princípios subjacentes ao conhecimento, está a capacidade subjetiva de apreender temas a partir de evidências, identificar informações relevantes em um conjunto de dados e interpretá-las coerentemente; e a capacidade de atribuir sentido a esses dados, compreender seu significado e como eles se relacionam com outros conhecimentos prévios. Outro princípio é a capacidade de extrair regras gerais a partir de alguns casos específicos, identificar padrões comuns e estabelecer relações entre eles. Esse processo permite a formulação de hipóteses e teorias que podem ser testadas e validadas a partir da observação de novos casos. Assim, a *atitude natural* carrega consigo limitações na construção do conhecimento, pois não considera os princípios subjacentes à aquisição e compreensão do conhecimento.

Na *atitude fenomenológica*, por outro lado, a coisa — por exemplo, a pedra no meio do caminho do eu lírico de *No meio do caminho* — é descrita como objeto de pensamento, como algo que pode ser analisado e compreendido através da reflexão. Essa mudança de perspectiva permite que o investigador se distancie das suposições e preconceitos da *atitude natural*, examinando a experiência de forma mais rigorosa e sistemática. Através dessa análise, é possível determinar as significações que se encontram ali virtualmente implicadas em *cogitos inatuais* (cf. Tourinho, 2011, p. 132), ou seja, nas ideias não atualizadas que estão presentes na consciência. Em síntese, a *atitude fenomenológica* se concentra nos diferentes modos de aparência da coisa na intencionalidade. Ao analisar os diferentes modos de aparência da coisa na consciência, a *atitude fenomenológica* visa compreender como a experiência é vivida e como a consciência se relaciona com o mundo (ou como o eu lírico de *No meio do caminho* se relaciona com o caminho).

A estratégia metodológica indicada por Husserl para se chegar à *atitude fenomenológica* é o exercício da *epoché*. A *epoché* implica “colocar entre parênteses” a *atitude natural* e abster-se de tecer considerações acerca da existência ou não existência das coisas mundanas. Esse processo de suspensão dos julgamentos sobre o mundo externo permite que o investigador se concentre exclusivamente nas experiências e nas estruturas essenciais da consciência, explorando como os fenômenos aparecem e são percebidos pela mente. A *epoché*, portanto, é um método crucial para revelar as bases subjetivas do conhecimento. De acordo com Robert Sokolowski (2012, p. 60):

[...] a redução fenomenológica é a mudança da *atitude natural* para a *atitude fenomenológica*; é a restrição de nossa intencionalidade de sua *atitude natural* expansiva, a qual tem como alvo uma e todas as coisas no mundo, para a aparentemente mais confinada *atitude fenomenológica*, a qual tem como alvo

nossa própria vida intencional, com seu mundo e seus objetos correlatos.

A fenomenologia, portanto, propõe uma nova atitude e um novo método para a investigação filosófica. Essa abordagem é caracterizada por uma conexão entre diversas disciplinas científicas, e para Husserl, a fenomenologia refere-se, acima de tudo, a um método e uma atitude de pensamento específico da filosofia. Em outras palavras, a fenomenologia não é apenas uma ciência, mas uma abordagem filosófica que se concentra na análise da experiência subjetiva, na busca da compreensão da natureza da realidade e na construção de conceitos fundamentais a partir desta investigação.

4 O CAMINHO NO QUAL HAVIA UMA PEDRA

O método fenomenológico é uma abordagem que busca a plena compreensão dos fenômenos, fornecendo um entendimento de como as coisas se apresentam à nossa consciência. Para Husserl, este é o método fundamental da filosofia, pois visa atingir um alto grau de evidência através da suspensão do juízo em relação à existência das coisas. Essa suspensão, conhecida como *epoché*, possibilita a redução fenomenológica, que permite a recuperação das coisas em sua pura significação, tal como elas se mostram como objetos de pensamento na intencionalidade. Em outras palavras, a fenomenologia visa compreender os fenômenos em si mesmos, sem preconceitos ou conhecimentos prévios, a fim de revelar a verdadeira essência dos objetos em questão.

Através desse método, Husserl propõe uma forma de acessar as estruturas essenciais da experiência e da consciência. Ao “colocar entre parênteses” as suposições sobre a existência dos objetos, o investigador pode focar exclusivamente na maneira como esses objetos são vividos e percebidos. Essa abordagem não só esclarece a natureza dos fenômenos, mas também fornece uma base sólida para a construção do conhecimento.

Seguindo por essa direção, parece que a filosofia pode ser vista como uma disciplina que fornecerá um conhecimento fundamental que complementar as ciências. Essa perspectiva é consistente com o “fundacionismo epistêmico”, que sustenta que o conhecimento científico é justificado por referência a certos princípios ou componentes básicos imediatamente válidos, que só a filosofia pode fornecer. Segundo essa visão, as ciências são incompletas porque lhes faltam os fundamentos que garantem o caráter objetivo de todo o edifício do saber. O conhecimento científico, por si só, pode ter valor em termos de suas aplicações práticas, mas não é racionalmente justificado até que a filosofia revele esses fundamentos.

Em outras palavras, enquanto as ciências podem nos dizer como as coisas funcionam e podem ser aplicadas para resolver problemas concretos, elas não investigam as condições de possibilidade do próprio conhecimento. É aqui que a filosofia, através da fenomenologia, entra em cena. A fenomenologia busca entender as bases subjetivas do conhecimento, revelando os princípios que tornam possível a percepção, a compreensão e a validação das teorias científicas.

A filosofia, ao explorar esses fundamentos, pode fornecer um alicerce para o conhecimento científico. Ela não só esclarece os princípios que sustentam a objetividade científica, mas também questiona e refina os métodos e as pressuposições das próprias ciências. Dessa forma, a filosofia não compete com a ciência, mas a complementa, garantindo que o conhecimento produzido seja não apenas útil, mas também rigorosamente fundamentado. Contudo, a filosofia, enquanto reflexão ou crítica epistemológica:

[...] não quer teorizar. O que ela quer não se situa nos caminhos dos matemáticos ou das ciências da natureza, nem tampouco da psicologia. Ela quer ‘explicitar’,

ela não quer nada deduzir, nada reenviar a leis como fundamentos explicativos, mas simplesmente compreender o que se situa no sentido do conhecimento e da objetividade (Husserl, 1985, § 33c p. 190 *apud* Sacrini, 2009, p. 579).

Refletir filosoficamente sobre o conhecimento e sua objetividade não afeta os fundamentos internos de cada disciplina científica, que possuem seus próprios métodos lógicos para estabelecer teses e proposições. Cada ciência desenvolve seus métodos e procedimentos específicos para investigar e compreender seu objeto de estudo, garantindo a validade e a robustez de suas descobertas dentro do seu próprio domínio. No entanto, as ciências precisam de fundamentos quando suas tentativas não são bem demonstradas em relação a essas proposições.

Não é tarefa da filosofia investigar diretamente esses problemas específicos de fundamento dentro de cada ciência, mas sim investigar as condições que permitem o conhecimento objetivo e o significado desse conhecimento. Em outras palavras, uma reflexão filosófica sobre o conhecimento visa esclarecer o que é a objetividade e suas condições de possibilidade. A filosofia busca compreender as bases sobre as quais o conhecimento é construído, explorando as estruturas subjetivas e as condições de possibilidade que tornam o conhecimento objetivo viável.

Isso não implica que as ciências não produzam conhecimento objetivo. De fato, as ciências produzem conhecimento, mas o fazem seguindo a atitude natural, sem investigar os princípios subjacentes que orientam essa produção. Para Sacrini (2009, p. 581), “a proposta de Husserl é justamente realizar uma crítica do conhecimento, uma investigação reflexiva de certas condições necessárias (aquelas ligadas à subjetividade) para a efetuação do saber”. Husserl propõe uma análise das condições que possibilitam a formação de conhecimento, buscando entender como a consciência apreende e valida os fenômenos observados.

A investigação filosófica aspira levar as construções objetivas da lógica pura à intuição evidente, que, na fenomenologia de Husserl, é uma estrutura subjetiva que vai além da percepção sensível e inclui a doação das puras idealidades. Essa intuição evidente não se refere às singularidades concretas da realidade, mas às idealidades que fundamentam o conhecimento lógico. “Essa é a origem fenomenológica: o modo intencional por meio do qual as objetividades lógicas são apreendidas com evidência” (Sacrini, 2009, p. 591).

Ao realizar essa análise, a filosofia oferece uma compreensão mais profunda e abrangente das bases do conhecimento. Ela não apenas esclarece como o conhecimento é possível, mas também proporciona uma crítica dos métodos e pressuposições que sustentam as ciências. Dessa forma, a filosofia e a ciência se complementam, cada uma contribuindo para uma compreensão mais completa e fundamentada da realidade e do conhecimento humano.

De acordo com Husserl (2014, p. 48; 53; 55):

“Nenhuma lei da natureza é ‘cognoscível *a priori*, ou fundamentável ela mesma por intelecção’. O único caminho para fundar e justificar uma tal lei é a indução a partir de fatos particulares da experiência. Todavia, a indução não funda a validade da lei, mas apenas a maior ou menor probabilidade dessa validade; justificado por intelecção é a probabilidade, não a lei. Em consequência, também às leis lógicas, sem exceção, tem de caber a condição de meras probabilidades.

[...] se as leis lógicas tivessem a sua fonte de conhecimento em fatalidades psicológicas, se fossem, e.g., [...] expressões normativas de fatos psicológicos, então elas próprias teriam de ter um conteúdo psicológico e, com efeito, num duplo sentido: teriam de ser leis para o psíquico e, simultaneamente, de pressupor ou de incluir a existência do psíquico. Pode demonstrar-se que isto é falso. Nenhuma lei lógica implica uma “*matter offact*”, ou tampouco a existência de

representações ou juízos ou outros fenômenos psíquicos.

[...] todas as leis das ciências exatas sobre fatos são, com efeito, leis genuínas mas, consideradas epistemologicamente, são somente ficções idealizadoras — embora ficções *cum fundamento in re*.

Para Husserl, as chamadas “evidências apodíticas”, necessárias para a fundamentação da filosofia, não poderiam ser extraídas do âmbito empírico-natural. Isto porque, mesmo que uma percepção empírica seja perfeita, ela sempre será limitada a um ponto de vista e, como resultado, só pode revelar aspectos ou perspectivas da coisa percebida. Essas perspectivas podem ser admiravelmente convergentes, mas também são continuamente diversas e incompletas. A percepção só pode revelar a coisa percebida parcialmente, “por um de seus lados” (cf. Tourinho, 2011, p. 133).

Dessa forma, o mundo — assim como o caminho de *No meio do caminho* — pode ser percebido de duas formas distintas: a partir da atitude natural ou a partir da atitude fenomenológica. Na primeira, o mundo é percebido em sua dimensão espaço-temporal, ou seja, como objetos que podem ser percebidos pelos nossos sentidos e que existem independentemente da nossa consciência. O mundo é visto como um domínio de fatos que podem ser pensados e explicados pela ciência, onde os objetos são entendidos como entidades que possuem existência objetiva e independente.

Na segunda, através da *epoché* ou redução fenomenológica, a consciência pura pode revelar o mundo como um “horizonte de sentidos”, como uma série de significados atribuídos às coisas através da nossa experiência consciente deles. Nesse contexto, o mundo não é mais visto como uma realidade objetiva e independente da consciência, mas como algo que é construído pela nossa experiência e pelo nosso ato de atribuir significado a ele. A redução fenomenológica permite que a consciência se desligue das suposições naturais sobre a existência dos objetos, focando exclusivamente em como esses objetos são vividos e compreendidos pela consciência.

A consciência pura, é importante destacar, não pode ser compreendida em termos de dados empíricos, mas apenas em relação intencional com o seu objeto. Isso significa que a consciência pura está sempre direcionada para um objeto, seja ele um objeto empírico-natural ou um objeto de pensamento — um conteúdo intencional da consciência, algo que é pensado ou imaginado pela consciência e que possui significado e sentido para ela. A intencionalidade é a característica fundamental da consciência, pois é através dela que os objetos se tornam presentes e significativos.

Portanto, a fenomenologia de Husserl enfatiza a importância de compreender a consciência em sua relação intencional com os objetos, revelando como os significados são construídos e como os fenômenos se manifestam à consciência. Ao distinguir entre a atitude natural e a atitude fenomenológica, Husserl oferece uma metodologia para investigar a essência dos fenômenos, esclarecendo as bases subjetivas do conhecimento e revelando as condições que tornam a experiência e a compreensão possíveis.

5 O ACONTECIMENTO INESQUECÍVEL

Durante toda a sua trajetória filosófica, Husserl demonstrou um profundo interesse em compreender a natureza e a condição da lógica e da matemática, buscando explicar nosso entendimento ou compreensão desses campos de estudo. Ele se empenhou em investigar as bases epistemológicas que sustentam esses conhecimentos, procurando entender como os conceitos abstratos da lógica e da matemática podem ser fundamentados na experiência consciente.

Em suas *Investigações lógicas: prolegômenos à lógica pura*, Husserl apresenta uma visão geral sobre o papel da filosofia em relação às disciplinas científicas. Ele

argumenta que a filosofia deve reconhecer e investigar certos aspectos fundamentais que são essenciais para a compreensão e validação dos conceitos científicos. Husserl enfatiza que “nenhum conceito pode ser pensado sem fundação sobre uma intuição concreta” (Husserl, 1970a, p. 79 *apud* Sacrini, 2009, p. 583). Essa afirmação destaca a importância da intuição como base para a formação e a compreensão dos conceitos, mesmo nos campos abstratos como a lógica e a matemática.

Husserl propõe que, para entender plenamente a lógica e a matemática, é necessário retornar às fontes originais dessas disciplinas, ou seja, às intuições concretas que dão origem aos conceitos abstratos. A intuição concreta, neste contexto, refere-se à experiência direta e imediata da consciência, que serve como fundamento para a formação dos conceitos. Em vez de considerar os conceitos como meras construções formais, Husserl sugere que eles devem ser vistos como fundamentados na experiência vivida, que lhes confere significado e validade.

Essa abordagem fenomenológica permite que Husserl explore como os conceitos lógicos e matemáticos são apreendidos e compreendidos pela consciência. Ele argumenta que a filosofia tem a tarefa de esclarecer essas bases intuitivas, revelando as estruturas subjetivas que permitem a formação e a validação dos conceitos. Ao fazer isso, a filosofia não apenas complementa as ciências, mas também fornece uma crítica reflexiva que investiga as condições de possibilidade do conhecimento científico.

A investigação de Husserl sobre a lógica e a matemática exemplifica sua abordagem fenomenológica mais ampla, que busca compreender os fenômenos a partir de sua base experiencial e intencional. Ele enfatiza que a verdadeira compreensão dos conceitos abstratos requer uma análise das intuições que os fundamentam, explorando como essas intuições são vividas e compreendidas pela consciência. Nessa direção, Castro (2022, p. 20) assevera que:

[...] a tarefa científica da filosofia não é ser uma entre as demais ciências particulares, ao contrário disso, seu estatuto é estratificar a cientificidade da ciência a partir de seus fundamentos primeiros e, associado a tal encargo, formular as leis e normas universais que regeriam tal cientificidade. Se nos permitirmos aqui avançar, digamos que o objeto da filosofia, no sentido da pergunta pela cientificidade, é o fenômeno puro da ciência.

Husserl inicia a fenomenologia visando esclarecer os conceitos fundamentais da lógica e da matemática, porque acredita que a fundamentação dessas disciplinas é problemática e as teorias existentes são insuficientes para fornecer uma base sólida a elas. A lógica e a matemática são disciplinas que se baseiam em conceitos abstratos e universais, tais como números, operações e leis da lógica, que não podem ser reduzidos a experiências sensíveis. Esses conceitos, portanto, não podem ser derivados da experiência empírica e não podem ser justificados pelos métodos empíricos da atitude natural. Para Husserl, a redução fenomenológica é a única maneira de alcançar uma compreensão clara e precisa dos conceitos fundamentais da lógica e da matemática e, com isso, fundamentar uma lógica pura.

Se uma ciência é verdadeiramente ciência, se um método é verdadeiramente um método, depende de estarem ou não de acordo com o objetivo que perseguem. A lógica pretende pesquisar aquilo que pertence às verdadeiras ciências, às ciências válidas, ou seja, aquilo que constitui a ideia da ciência, de modo a que possamos avaliar se as ciências empiricamente existentes correspondem à sua ideia, em que medida dela se aproximam, e onde pecam contra ela. Assim, a lógica se mostra como ciência normativa e separa-se dos modos de consideração comparativos das ciências históricas, que procuram apreender as ciências como produtos culturais concretos de cada época (*cf.* Husserl, 2014, p. 19).

Destaca-se, assim, a importância da fenomenologia como uma ciência que pode abordar a experiência humana de maneira mais completa e concreta do que outras

ciências que se concentram exclusivamente nos aspectos materiais do mundo. A fenomenologia visa compreender a estrutura da consciência e a forma como ela se relaciona com o mundo, explorando as dimensões de intencionalidade e manifestação que são fundamentais para a experiência humana.

Ao adotar uma abordagem ontológica de redução, a fenomenologia pode identificar e explorar as diferentes camadas da experiência humana, desde as experiências mais básicas e intuitivas até as mais complexas e reflexivas. Ela reconhece que a experiência humana não é apenas uma questão de observação objetiva, mas também envolve uma atividade da consciência na formação de nossas representações, pensamentos e emoções. Em suma, a fenomenologia não apenas complementa as ciências particulares, como a física e a biologia, mas também as completa, permitindo uma compreensão mais abrangente e integrada do mundo e da experiência humana.

A fenomenologia se estende além das outras ciências para considerar as dimensões abstratas da experiência humana, que muitas vezes são ignoradas ou deixadas de lado. Enquanto as ciências naturais focam na análise empírica e objetiva dos fenômenos, a fenomenologia se concentra na exploração das estruturas subjetivas e intencionais da consciência. Essa abordagem permite uma investigação mais profunda das bases epistemológicas e ontológicas que sustentam o conhecimento, revelando como os fenômenos são vividos e compreendidos pela consciência.

Em resumo, a fenomenologia de Husserl oferece uma metodologia rigorosa para investigar os fundamentos das disciplinas científicas, proporcionando uma crítica reflexiva e uma compreensão mais profunda dos conceitos abstratos e universais. Ao esclarecer as bases intuitivas da lógica e da matemática, a fenomenologia estabelece uma base sólida para o conhecimento científico, complementando e completando as ciências empíricas com uma análise detalhada da experiência humana e da intencionalidade da consciência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, centrado na análise fenomenológica da experiência humana, exemplificada no poema *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade, buscou compreender como os fenômenos se apresentam à nossa consciência. Utilizando a abordagem fenomenológica desenvolvida por Edmund Husserl, focamos na estrutura da experiência e nas condições que tornam possível o conhecimento objetivo.

Os resultados deste estudo confirmam que a fenomenologia, ao adotar a redução fenomenológica, permite uma compreensão profunda e rigorosa das bases epistemológicas dos conceitos abstratos da lógica e da matemática. Este método, ao suspender os julgamentos sobre a existência do mundo externo, proporciona um foco exclusivo nas experiências e estruturas essenciais da consciência, permitindo a análise das intuições concretas que fundamentam tais conceitos. A partir desta abordagem, foi possível explorar como a intencionalidade da consciência constrói significados e como os objetos são percebidos.

A relação entre o eu lírico e a pedra no poema de Drummond exemplifica claramente a estrutura da intencionalidade, onde a consciência está sempre direcionada a algo, conferindo significado ao objeto percebido. Esta relação destaca a importância da distinção entre idealidade e realidade, protegendo a objetividade das verdades lógicas contra as variações individuais da psicologia.

A fenomenologia oferece uma abordagem única para investigar as condições de possibilidade do conhecimento objetivo e o significado desse conhecimento, destacando a inter-relação entre subjetividade e objetividade. Ao complementar e completar as ciências naturais, a fenomenologia fornece uma compreensão mais abrangente e

integrada da experiência humana e do conhecimento científico.

Concluímos que a fenomenologia, ao focar na experiência consciente e na intencionalidade, não só enriquece o entendimento proporcionado pelas ciências naturais, mas também revela as bases intuitivas dos conceitos abstratos da lógica e da matemática. Este estudo demonstrou que a redução fenomenológica é um método eficaz para investigar as estruturas da consciência e a formação de significados, proporcionando uma análise detalhada e sistemática das experiências humanas.

Assim, a fenomenologia se afirma como uma abordagem essencial para a investigação filosófica, complementando e enriquecendo nossa compreensão da realidade e do conhecimento humano. Ao explorar as experiências conscientes e a intencionalidade, a fenomenologia oferece perspectivas valiosas sobre as bases do conhecimento objetivo, estabelecendo-se como um método rigoroso e fundamental para a análise filosófica e científica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rogério Miranda de; LETENSKI, Irineu. A crise dos fundamentos das ciências modernas: uma leitura a partir de Edmund Husserl. In: *Pensando – Revista de Filosofia*, v. 7, n. 14, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.26694/pensando.v7i14.3907>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- CASTRO, Paulo de Tarso Menegon Magalhães de. *Husserl e fundamentação das ciências: da lógica pura a fenomenologia noética*, 2022. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Lavras, 2022.
- CERBONE, David R. *Fenomenologia*. Trad. Caesar Souza. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013
- HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas: prolegômenos à lógica pura: volume 1*. Trad. Diogo Ferrer. Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- SACRINI, Marcus. O projeto fenomenológico de fundação das ciências. *Scientiae Studia*, v. 7, n. 4, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000400003>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- SOKOLOWSKI, Robert. Introdução à fenomenologia. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- TOURINHO, Carlos Diógenes Cortes. A crítica da fenomenologia de Husserl à visão positivista nas ciências humanas. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 17, n. 2, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1809-686720110002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 mar. 2023.

NOTAS

- 1 “O que é verdadeiro, é absolutamente verdadeiro, é ‘em si’ verdadeiro; a verdade é idêntica e só uma, sejam homens ou não, sejam anjos ou deuses que a apreendam no juízo. É da verdade nesta unidade ideal [...] que falam as leis lógicas, e de que falamos todos, se não estivermos, por assim dizer, relativisticamente confundidos” (Husserl, 2014, p. 88).